

Paleontologia em Destaque



Boletim Informativo da SBP
Ano 31, n° 69, 2016 · ISSN 1807-2550

BACIA DE TAUBATÉ: RECONSTITUIÇÃO PAISAGÍSTICA COM BASE EM REGISTROS PALEOBOTÂNICOS E PALEOMASTOZOOLÓGICOS OLIGOCENOS

C. T. S. ABRANCHES¹, M. E. C. BERNARDES-DE-OLIVEIRA¹, G. COUTO-RIBEIRO²

¹Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, Laboratório de Paleobotânica e Palinologia, Rua do Lago, 562, Cidade Universitária, São Paulo, SP; ²Museu de História Natural de Taubaté, R. Juvenal Dias de Carvalho, 111, Jardim do Sol, Taubaté, SP.

cabranches@usp.br, maryeliz@usp.br, coutoribeiro@hotmail.com

Entre as ocorrências paleontológicas brasileiras, destaca-se a Formação Tremembé (Bacia de Taubaté), como uma unidade litoestratigráfica possuidora de rico registro fóssilífero paleógeno, tanto de fauna quanto de flora oligocenas. O presente estudo correlaciona os diferentes ambientes sugeridos para esta área, a partir de dados paleobotânicos, palinológicos e da paleomastofauna. A identificação e interpretação dos fitofósseis registrados na Formação levaram anteriormente à seguinte reconstituição da paisagem: (1º) um lago contendo em seu interior e borda uma associação de plantas aquáticas hidrófitas, tipo *Nelumbo* e higrófitas, como *Typha*, vivendo parcialmente emersas em zonas ribeirinhas; (2º) associação mesofítica típica de Floresta Ombrófila Densa Submontana, com altitude entre 500 e 800 metros em área bem drenada, evidenciada por *Caesalpinia*, *Copaifera*, *Stryphnodendron* e lianas do tipo *Serjania* e (3º) associação xerofítica típica de Floresta Ombrófila Mista (Mata dos Pinhais, composta de *Cassia*, *Allophylus*, *Podocarpus* e *Cryptomeria*), em áreas acima de 800 metros. Os mamíferos registrados nessa formação são, em sua maioria, de hábito herbívoro, conforme padrão ecológico esperado para a época. Alguns, descritos como Dasypodidae, Metatheria e Molossidae, se relacionam às regiões de Floresta. No entanto, registros de diversos mamíferos de médio e grande porte (Protheroheriidae, Notohippidae, Leontiniidae e Pyrotheria) e outro de provável hábito anfíbio (Astrapotheria), sugerem a existência de uma área de vegetação aberta, além das associações acima referidas, a qual se interporia àquela do lago e à da Floresta Ombrófila Densa Submontana. Com base nessas evidências, um novo cenário de associações vegetais é proposto, considerando quatro comunidades ao desdobrar a segunda associação anteriormente citada em duas: uma de fundo de vale, que corresponderia à formação campestre, mesófila, tipo Savana ou Floresta Estacional Semidecidual, documentada pela presença de *Copaifera* e *Stryphnodendron* (onde viveriam os mamíferos de médio e grande porte) e uma segunda, um pouco mais distante da borda do paleolago, do tipo Floresta Ombrófila Densa Submontana propriamente dita, sugerida pelos registros de *Caesalpinia*, *Copaifera* e de lianas tipo *Serjania*. [CTSA, Capes PNPd 20132145; MECBO, CNPq 304978/2013-2; GCR, Capes 33117012003PO]

UM NOVO OLHAR AOS SAMBAQUIS DE SANTA CATARINA, BRASIL

R. CASATI, P. C. F. GIANNINI

Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, Departamento de Geologia Sedimentar e Ambiental, Rua do Lago, 562, Cidade Universitária, Butantã. CEP 05508-080, São Paulo, SP.

rafaelcasati@gmail.com, pcgianni@usp.br

Os sambaquis do litoral centro-sul catarinense são constituídos, predominantemente, de conchas de moluscos, sedimentos arenosos a lamosos frequentemente ricos em matéria orgânica, e ossos. Sua estratigrafia, conferida através de padrões, varia em virtude da localização dos sistemas deposicionais e do tempo. Resultados de estudos acerca da cronologia via ¹⁴C AMS, e da composição de isótopos estáveis ($\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{18}\text{O}$) de conchas do molusco dominante destes depósitos, a